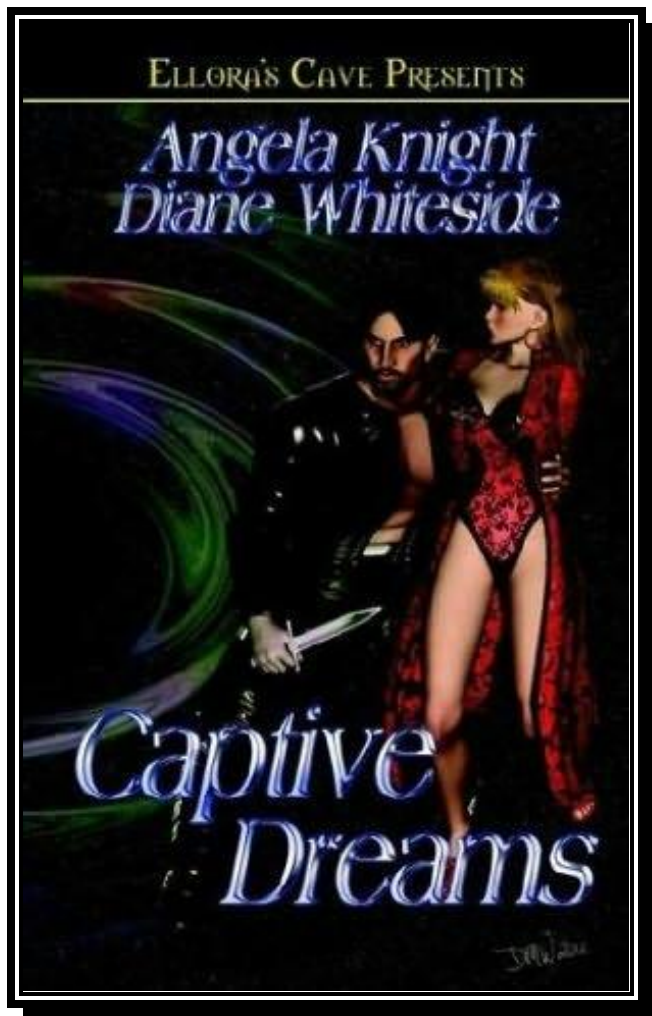
A ESCRAVA DO PIRATA

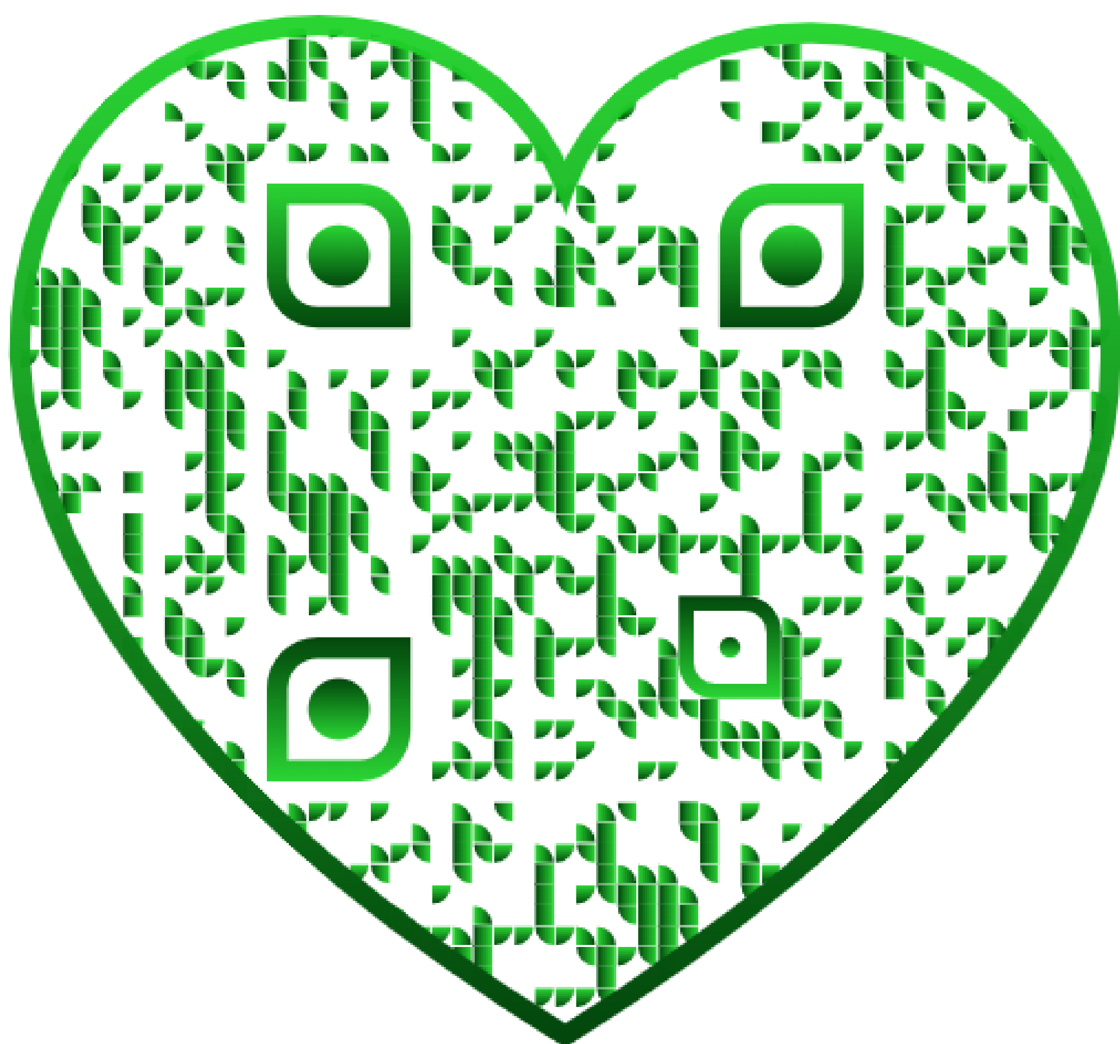


Angela Knight

Tradução/revisão: Pollyanna (Elloras)

Formatação/revisão final: JoSlavic – RTS





I

Elevava-me nua, com um colar de chumbo oprimindo minha garganta, cada um de meus pulsos unidos com o cotovelo oposto de tal maneira que jogava para trás meus ombros e empurrava meu peito nu para diante, em uma lasciva demonstração. Fazia muito frio no quarto, e este calafrio pôs meus mamilos vergonhosamente duros. Mas minhas bochechas resplandeciam ardentes. Quase podia sentir os famintos olhares fixos de minha audiência masculina deslizando-se sobre mim como ácido, queimando minha pele nua, me despojando de meu orgulho.

Estranho. De todos os destinos que tinha visualizado para mim, este não tinha sido um deles. A morte, sim, tinha visto minha morte cem vezes... por disparos dos piratas, os mercenários ou traficantes de armas, explodindo em diminutas partículas meu navio patrulha por algum inimigo afortunado, esfaqueada por um prisioneiro fugitivo. Inclusive, os sucessos produzidos recentemente, liquidados por mim. Mas nunca isto.

O leiloeiro apertou um de meus mamilos e o retorceu cruelmente. Não lhe dava o gosto de fazer uma careta de desagrado.— Faz um mês ela era a Capitana Rayna Kinkaid da Patrulha Sideral... mas isso foi antes de que fosse declarada culpada de aceitar subornos pelos mesmos piratas a que lhe correspondia caçar —Ele me olhou com lasciva, sua redonda cara mostrando malevolência.— Qual de vós cavalheiros quer ser o que a castigue por seus delitos?

Agarrando meu braço, ele me fez girar ao redor, logo apanhou a correia que pendurava de meu pescoço e a sacudiu com força, arrastando minha cabeça para baixo.— Simplesmente olhe essa bunda, homem — E passou sua gorda mão sobre ela.— Vê que redonda e firme é. E pálida. Está pedindo uns açoites verdade? Implora por ser açoitado até que peça a gritos perdão — Grosseiramente, ele agarrou minhas bochechas e as observou lascivamente — E logo, quando estiver duro e ela estiver rogando, poderá utilizar este sexo apertado, ou talvez este pequeno ânus rosado. Isso é sua eleição. E ela o mereceria, não é assim? Cada açoite, cada impulso de seu pênis. Ela traiu a honra de sua uniforme da Patrulha Sideral. O tribunal diz que merece quão pior possa lhe fazer. Ela fica somente à sua misericórdia

Contemplando a cortina traseira, dobro meu lábio e luto contra o impulso de golpear fortemente com meu pé no meio de suas pernas. Mas só ganharia uma bofetada.

Ele me manteve inclinada assim para a luta, me instigando quando as ofertas começaram a decair, colocando um gordo dedo à força em meu ânus e recordando à multidão minha anterior falha. Depois de tudo, não era realmente a oportunidade de castigar a um sentenciado o que os atraía; era a oportunidade foder e torturar a uma mulher capitão da Patrulha Sideral.

Minhas costas doíam pela forçosa posição quando ele finalmente decidiu dar à multidão outra olhada de minhas tetas. Não sei como ele pensou que poderia tornar o preço ainda mais alto, já tinha alcançado alturas astronômicas nesse momento. De fato, todos os homens tinham forçosamente desistido, exceto dois, implacáveis, pagando por meus favores com somas escandalosas. Não se precavendo, aparentemente, de que qualquer que me comprasse estaria comprando sua morte. Tinha jurado matar a meu novo amo e escapar por qualquer meio necessário.

Mas então, olhei à multidão, e enquanto o leiloeiro machucava meus mamilos, reconheci a um dos homens. E meu coração parou.

Armand Deguere.

Aqueles com inclinação à poesia o chamavam O Negro Senhor das Estrelas. Nós, na Patrulha Sideral, simplesmente lhe chamávamos pirata. Ou rebelde. Ou bastardo.

E algumas vezes, no mais profundo de nossos corações, tínhamos-lhe chamado brilhante, desumano, esquivo... Ou pelo menos eu o tinha feito. Tinha lutado contra Armand Deguere durante cinco anos.

Mais de uma vez, tinha esperado que o Negro Senhor fosse o arquiteto da morte que sabia que viria. Mas agora parecia que ele tinha em mente outro destino para mim completamente diferente. Ele cravou os olhos em mim, sua cara determinada em duras linhas, inexpressiva exceto por uma espécie de gelada determinação. Estranho. Tinha esperado que ele desfrutasse com isto.

Aqui estava eu de pé, nua, com algemas, sendo leiloada ao melhor comprador para ser usada da forma mais humilhante possível. E ele,

aparentemente, tinha a intenção de ser esse homem.

Se a Patrulha tivesse sabido que ele estava aqui... era afortunado para ele que Slave Mart fosse um planeta fora da jurisdição da Patrulha. O comandante máximo o tinha estabelecido, para fazer vista gorda a algumas das violações que passavam aqui.

Ao final, não estive realmente surpreendida quando meu outro presumido amo se rendeu, e Armand caminhou a grandes passos para a frente para me reclamar. Em todos meus anos de acossar ao Negro Senhor, tinha aprendido que ele geralmente obtinha o que queria. E as poucas vezes que ele não o tinha conseguido, foi porque eu lhe tinha frustrado por certa combinação de sorte e astúcia.

De todos os modos, eu nunca tinha conseguido ter a vitória final lhe pondo as algemas.

Agora foi ele quem tomou minhas algemas do leiloeiro.

E nesse momento, quando vi seus duros e morenos dedos fechando-se ao redor de uma algema, senti uma sensação de inevitabilidade. Como se este fora o momento ao que eu tinha estado me dirigindo desde o começo, como se devesse ter sabido que todos aqueles anos de combate e busca terminariam desta forma e neste lugar.

— Felicitações, senhor — disse o homem gordo, me dando um olhar úmido— Verá que domesticá-la será um agradável desafio.

— Feche sua boca, pequeno gordo vil — grunhiu meu inimigo.

A boca do leiloeiro caiu frouxa. Seu pasmo foi tal que quase deixou cair o cartão de crédito do Armand.

Ainda piscava por idêntico assombro quando Armand tirou sua capa de seus maciços ombros e a colocou ao redor de mim. — Depois de que paguei, não quero a mais ninguém olhando com lascívia minha propriedade — me grunhiu.

Mas mesmo quando pensava que meu inimigo implacável tinha um lado mais suave, ele envolveu uma mão grande em minha algema e girou sobre os saltos de sua bota — Vem, cadela. Você e eu temos uma larga noite por diante

Quase caí devido ao duro puxão que ele deu à algema. Amordaçada, corri detrás dele.

Meu deus, era irônico. Uma vez, nos dias anteriores à traição da Patrulha Sideral, tinha sonhado com o cenário oposto. Em minha fantasia, eu tinha capturado a Armand, declarando contra ele nos tribunais, vendo-o sentenciado à escravidão... e era eu quem o comprava. Sonhava manter ao delicioso prisioneiro em minha casa de campo familiar. Renunciaria à Patrulha para me dedicar a lhe reabilitar com amor, empregando minha língua e minhas mãos e meu cremoso sexo.

Mas agora parecia que o colar de escravo estava em outro pescoço.

Armand me arrastou, fazendo só uma pausa para advertir aos outros clientes, que jogavam olhares de esguelha à capa que eu não conseguia manter fechada com meus braços atados às minhas costas. Impacientemente, ele passou seu musculoso braço e o dobrou a meu redor, mantendo a capa fechada enquanto andava a meu lado. Fui, repentinamente, vivamente consciente de que a parte superior de minha cabeça mal alcançava sua axila. Pela primeira vez, tive uma instintiva impressão de quão grande era ele.

Estranho que não me tivesse apercebido antes... nem sequer na noite que lutamos com facas no bar Rigel. Demônio, ele realmente me tinha derrotado essa vez; só a chegada de meu companheiro me salvou. Poderia me defender do Armand em uma batalha navio a navio, mas corpo a corpo era algo pelo que nunca tinha rezado. Ele era simplesmente muito forte, muito hábil, muito rápido.

Foi tão inquietante o pensamento que cruzou minha consciência que olhei para cima e vi o mural. Mostrava a um escrava loira algemada, nua e fodendo... sodomizada... por seu amo maciçamente dotado. Uma imagem sobreposta detrás deles mostrava que seu ânus se estirava impossivelmente largo ao redor de seu enorme pênis. Era uma pintura eroticamente violenta, e me recordou com inquietação as vezes que Armand me tinha ameaçado precisamente com esse destino.

Tinha havido um momento no Rigel em que Armand me tinha imobilizado em baixo dele, e pude sentir o tamanho de sua ereção enquanto ele se esmagava contra mim. E com uma voz áspera pela luxúria, descreveu como ia levar me de retorno a seu navio, me pôr um colar como a um

escravo, e dar a meu virginal ânus a tradicional atenção de uma noite de leilão.

Nunca disse a ninguém que quando minha equipe de assalto passou através da porta, senti uma momentânea desilusão.

Mas esta noite, o leilão era real, e não haveria nenhum tipo de ajuda de parte da Patrulha Sideral para me salvar. Demônios, a Patrulha virtualmente me tinha entregue a ele com suas bênçãos. Ele me poderia fazer tudo o que alguma vez me tinha prometido, e não havia forma de poder escapar.

Simplesmente desejei não me sentir realmente tão... intrigada pela ideia.

— Se tivesse sabido antes que seria tão fácil de comprar, — ele me apertou repentinamente, seu braço apertando dolorosamente ao redor de meus ombros — o teria feito faz muito tempo e teria poupado uma grande quantidade de frustração.

— Nunca me apresentei a leilão antes — me recuperei rapidamente, encolhendo os ombros e tentando escapar de seu aperto. Foi em vão.

Ele me dirigiu um apaixonado, malicioso olhar. — Não segundo os demandantes da Patrulha Sideral

Estiquei-me.

— Imagina minha surpresa quando ouvi que a sempre virtuosa Capitana Kinkaid tinha estado aceitando subornos desde o começo — Seus formosos lábios formaram uma careta depreciativa. — Mil créditos? Vamos, Rayna. Não só é corrupta, também é barata.

Não me incomodei em negá-lo, embora minhas mandíbulas tivessem que apertar-se fortemente para conter as palavras. Ele nunca acreditaria que me tinham preparado uma armadilha. Ninguém mais o fez.

— O que me assombra é que aparentemente não sente vergonha por nada. Depois de todos esses discursos santarrões para mim de como é a lei a única coisa que nos separa do abismo, deixa a Will Tucker te subornar por uns mil créditos. — Ele negou com a cabeça. — E logo você, uma criminosa condenada, estava de pé sobre essa plataforma enquanto esse bastardo leiloeiro machucava seus peitos, e sua cara era tão tranqüila e suas costas tão retas como se estivesse de pé no pátio de armas da Academia Sideral. Tem

um montão de descaramento, mulher!

Levantei meu queixo e guardei silêncio.

Repentinamente, ele se girou para mim, seu grande corpo equilibrando-se sobre o meu, me fazendo retroceder contra a parede do corredor.— Tão inexpressiva! — grunhiu. — Tão fria. Pergunto-me se poderá controlar todo esse orgulho quando sentir meu pênis golpeando duramente seu pequeno ânus. Não obstante, talvez você seja capaz disso. Talvez Tucker já te tenha fodido aí.

Olhei dentro de seus ardentes olhos escuros, lutando por esconder meu assombro à sua ardente fúria. — Ciumento, Capitão Deguere?

Ele se retirou de repente de mim, como escaldado. — Demônios, não. Não tem importância se Tucker te tiver fodido mil vezes. Ele nunca poderá te tocar outra vez

— Estás me insultando ao pensar que tenho tão pouco gosto. — Fui agudamente consciente que a capa que ele me tinha dado se abriu involuntariamente sobre meus peitos com o impulso.

Ele cravava avidamente os olhos neles. — Oh, estou certo que você será absolutamente maravilhosa. E vou comprová-lo. Vamos!

Me arrastando de retorno sob seu braço, ele rapidamente me levou ao porto. Mal me dava conta do ensurdecedor ruído que enchia o enorme hangar enquanto o carregamento era colocado em cima das lançadeiras para as transportar até os navios que orbitavam no alto. Estava muito mais ocupada refletindo sobre os assombrosos ciúmes do Armand.

Ele me colocou apressadamente a bordo de sua lançadeira... Fui marcada por um ardente laser que suspeitei que eu mesma que tinha fabricado...

Antes de me pôr com estrépito em um divã, ele abriu as algemas que atavam meus pulsos a meus cotovelos.

Refreei um grito enquanto meus estirados, maltratados músculos sentiam o fluxo de sangue enchê-los outra vez pela primeira vez em horas.

Armand amaldiçoou e começou a massagear amavelmente meus braços

cheios de cãibras. — Estarás bem? — perguntou bruscamente.

Encolhi-me de ombros. — Estou segura de que sobreviverei.

Seus olhos escuros se entrecerraram, sua formosa cara assumiu uma expressão severa. — Não diga estupidezes. Se necessitar atenção médica, então me diga isso agora. Posso-te ter em um hospital planetário em três minutos .

Obriguei-me a lhe dirigir um sorriso zombador.— Porquê, capitão... não sabia que te importasse?!

— Não me importa! — estalou — simplesmente tenho outros planos para essas mãos e não quero perdê-las devido a uma gangrena.

Com isso, lançou-se ao assento do piloto e começou a preparar com destreza a decolagem. Olhei-o — Não me vais esbofetear outra vez?

— Para quê me incomodar? — Seus grandes, morenos dedos se moveram sobre o console, acariciando os comandos com destreza. — Duvido que possa mover seus braços o suficiente para ser perigosa.

Estudei minhas mãos. Jaziam flacidamente em meu regaço, ardendo cruelmente enquanto a circulação retornava. Tratei de levantar uma e não pude.

Ele guardou silêncio durante a decolagem, o qual foi notavelmente suave; Armand era um piloto infernal, e permaneci desse modo até que me senti tentada a lhe aguilhoar.

— Onde está o Blackbeard?

Ele me lançou um olhar — A algo mais de um dia. Não podia trazê-lo perto de qualquer planeta onde poderia haver navios da Patrulha Sideral

Não parecia haver algo que dizer a isso, assim guardei silêncio. Em meu esgotamento, não tardei muito antes de cair adormecida.

* * * * *

Despertei com a ardente boca do Armand mordendo e chupando meus mamilos. A sensação rodou sobre mim lentamente enquanto ainda estava dormida, me queimando, despertando. Quando fiquei completamente

consciente, meu sexo já estava cremoso e minha respiração irregular. Gemi e tratei de levantar minhas mãos, unicamente para descobrir que ele me tinha algemado ao divã.

Ele levantou a vista até ao meu reluzente peito, uma áspera e escura mão brincando com o outro rígido e rosado pico. Seus olhos eram tão negros, demoníacos e tentadores como o próprio Satã, e seu sorriso foi lento e branco. — Se tivesse demorado mais a acordar, então te teria despertado com meu pênis em sua vagina. Ou possivelmente em seu ânus. Ainda tratava de tomar uma decisão

Soprei. — A quem está tratando de enganar, Armand? Quando me foderes como escrava, vais me querer acordada para cada impulso.

Ele riu brandamente em um vibrante som aveludado que acariciou meus sentidos. — Conhece-me muito bem, Rayna. Estive à espera de colocar minhas mãos sobre ti durante cinco anos, e não vou deixar-te perder um segundo da humilhação, do sofrimento ou do prazer que estive planejando para ti.

Lambi-me os lábios, observando em inquieta fascinação como seu quente olhar vagava através de meu corpo . — Sempre foi um malévolo bastardo, Armand.

Ele me jogou uma olhada, um canto de sua formosa boca curvando-se. — Carinho, não tem nem ideia.

Seu polegar provou um mamilo, acariciando seu duro pequeno pico. — O que acontece, — disse distraidamente, contemplando-o em absorta especulação — é que você oferece a um negro coração bastardo uma riqueza de possibilidades eróticas. Tomar estes magníficos peitos, por exemplo. Olhe que redondos e cheios são, contudo conseguem impulsionar-se inclusive quando está deitada. E são tão deliciosamente sensíveis! — Ele passou seus dedos sobre eles, com um toque tão ligeiro como plumas, e contive minha respiração devido ao prazer. — Tenho um delicado chicote de "nove caudas" no navio. Este chicote é muito pequeno, desenhado estritamente para o uso nas tetas de uma escrava — Ele me contemplou, sua voz descendendo a um sedutor ronronar. — Espero que não tenha esperança que eu resista à tentação

Mal consegui suprimir o faminto balanço de meus quadris. — E quanto

à sua reputação de tratar a seus inimigos honradamente?

A cólera flamejou em seus olhos. — Sempre tratei aos inimigos honrados dignamente. Infelizmente para ti, sua própria Patrulha Sideral já estabeleceu que não tem honra.

Refreei um caloroso discurso de autodefesa.

— Além disso, as regras sempre foram diferentes entre você e eu. — Ele baixou uma mão acariciando por meu nu abdômen. Teria fechado minhas coxas, mas meus tornozelos estavam amarrados às patas do divã. — Você, com essas impecáveis pequenas armadilhas que colocava para mim, ou com a forma que sempre adivinhava meus planos e os superava... Tornou impossível que houvesse nada mais entre nós exceto calor.

— Não fui a única que fez armadilhas! — gritei. Ele tinha descoberto o suave matagal de cabelo entre minhas coxas. — Recorda essa emboscada na Argilia?

Ele riu. — Quase te tive dessa vez. Estava tão seguro que te possuiria no final do dia que estive duro durante toda a batalha

Troquei de posição ansiosamente enquanto ele rastreava a suave linha de meus lábios inferiores. — Por que nos deixou ir, Armand?

— Os motores de seu navio estavam ainda em linha, embora você estivesse muito ferida para combater. Soube que se tratava de te abordar, faria explodir os motores... e a ti com eles.

Assenti com a cabeça. — Certo. Mas não havia nada para te deter de nos destruir.

— E perder o prazer deste momento? — Ele deslizou um grosso dedo profundamente em meu sexo. Tocando minha nata, ele sorriu abertamente como o pirata que era. — Soube que te colocaria um colar com o tempo. Entretanto, francamente preferiria te haver escravizado de alguma forma mais dramática. Sempre fantasiei em me perder entre suas pernas na ponte de seu navio — Ele começou a empurrar seu dedo profundamente em minha impotentemente molhada vagina. Eu fiz tudo o que pude para não gemer. — E uma dura batalha espacial pode ser seguida por um pouco de combate corpo a corpo... no qual você não teria nenhuma esperança de me superar, é óbvio.

— É óbvio — estalei, ofendida. Embora tivesse razão, maldito.

— Depois de tudo isso, baixava-te as calças do apertado uniforme cinza e te lubrificaria para uma lenta, pausada penetração de seu ânus. — Ele tirou seu molhado dedo indicador de meu sexo e procurou meu ânus, pressionando com muita dificuldade. — Fantasiei a respeito de observar meu pênis deslizar-se sobre seu ânus mil vezes. — Lentamente, ele começou a entrar. Fiquei sem fôlego, instintivamente arqueiei minha coluna vertebral. Os olhos derretidos com lascivo desfrute, ele sorriu para baixo a meus peitos, empurrou para cima para me posicionar. Sentia seu dedo enorme, abrasador, como se realmente fosse um aguilhão com o que me desflorava. Dobrando sua cabeça, ele começou a lamber e chupar meus duros mamilos enquanto mantinha alargando meu virginal traseiro. A sensação não se pareceu a nada do que alguma vez havia sentido; entristecedor, doloroso... Mas ali havia algo mas que se tornou grosseiramente erótico. Meu mais mortífero inimigo explorava meu inexplorado ânus na preparação para a penetração. E me pôs mais quente do que alguma vez tinha estado em minha vida.

— Pobre pequena Rayna, — ronronou ele, retirando-se só para voltar a entrar com dois dedos duros — um ânus tão apertado. Só posso imaginar a dor que vais sentir dentro quando lhe foda como uma escrava. Estou algo temeroso, já que sou bastante bem dotado, pelo que o ajuste será algo... brutal.

— E você não pode esperar — apertei os dentes, enquanto seus dedos escavavam mais profundo.

Ele sorriu lentamente. — Conto os segundos. Espero que não espere clemência.

— Não de ti!

— Garota esperta… — Repentinamente, ele tirou sua mão e ficou de pé. Com um único, violento movimento, ele abriu a braguilha de suas calças negras e extraiu seu pênis. Meus olhos se abriram pela surpresa. Seu sarcástico comentário a respeito de seu tamanho não era uma mentira, sua vara era tão grosa que duvidei poder fechar meus dedos ao redor dela.

Balançando uma perna sobre o divã, ele se sentou escarranchado sobre meu corpo nu, uma mão agarrando um punhado de meu negro cabelo. Ofeguei. Ele apontou a cabeça do grande mastro à minha boca. — Abre, Rayna. É hora de chupar a vara de seu amo!

Lambi meus lábios e obedeci. Em um momento, ele empurrou sua dura longitude profundamente em minha boca. Fechando meus olhos em contra o resplandecente triunfo nele, comecei a chupar. Ele era mais que um bocado, maior do que eu podia alojar comodamente, mas ele não me deu opção, assim fi-lo de qualquer maneira. A cabeça de seu órgão era aveludada, tinha um delicioso sabor ao de antes de correr-se e ao próprio perfume masculino do Armand. Minha língua saboreava o calor, o sabor, a textura. Ele começou a bombear para dentro e para fora entre meus lábios, fodendo minha boca, suas duas duras mãos sustentando minha cabeça quieta enquanto ele me usava. Gemi pelo prazer.

— Sim, cadela — vaiou. — Meu Deus, sempre quis ver que essa boca envolta ao redor de meu pênis. Tão doce. Simplesmente da forma que quis que fosse.

Ele saiu e entrou, mais e mais profundo, enquanto eu brigava por não ter náuseas.

— Isso é. — Ele arrojou para trás sua cabeça. — Você é minha por fim, Rayna. Minha para foder de qualquer forma que queira. Minha para algemar e atormentar. Vou pôr argolas nos mamilos dessas bonitas tetas. Vou te tomar em cada forma possível. Vou dominar-te... — Suas mãos se apertaram dolorosamente em meu cabelo enquanto seus golpes aumentavam de velocidade. Os olhos giraram fechando-se com o violento prazer de foder minha boca, ele ficou sem fôlego, esticou-se, arqueando suas costas.

Senti que seu pênis começava a bombear esperma, amargo e quente em minha língua.

Os olhos do Armand se abriram de repente, e ficou com o olhar fixo abaixo em mim com uma selvagem luz queimando-se em seus olhos. — Engole-o! — grunhiu — traga tudo.

Tremendo, fiz o que me mandou.

*****

O Blackbeard era uma fragata armada até os dentes, rápida e manobrável, até tal ponto que a Patrulha Sideral nunca tinha podido derrotá-la em combate.

Admito sentir uma certa apreensão fria e úmida quando atracámos no grande hangar da fragata; não estava segura como reagiria a tripulação à vista de um oficial nu da Patrulha Sideral, com um colar de escravo. Ex-oficial. Especialmente a mesma que tinha tratado de fazê-los estalar no espaço tantas vezes.

Eu não tinha que me haver preocupado. A tripulação do Armand estava muito bem treinada para não exteriorizar qualquer reação quando passei depressa sob a curva do musculoso braço do capitão, embora tenha visto momentaneamente uma sádica satisfação aqui e lá nos olhos de alguns homens. Provavelmente antecipando os torturas que logo sofreria nas peritas mãos do Armand.

O pensamento fez que minha boca se secasse.

Ele me conduziu diretamente para seus aposentos... e diretamente através deles. Mal consegui dar uma olhada à escura, rudemente masculina decoração antes de ser guiada a um grande quarto. O quarto dos escravos. Muitos navios civis os tinham, perto dos aposentos do capitão; classificando a posse de seus privilégios.

O quarto era surpreendentemente de bom gosto, o mobiliário pesado e caro na qualidade, tudo eleito em azul e mergulhado de cinza. A cama era enorme, coberta com uma grosa colcha azul... embora era óbvio que as argolas na cabeceira e nos pés eram algo mais que simples adornos. Um alto armário de carvalho apoiado em uma esquina, uma cômoda refletida contra a parede, e uma variedade de pequenas mesas que tinham peças de esculturas de bronze. A única indicação que o quarto era usado para o prazer dominante era a presença de um número de argolas colocadas no piso, o teto e os biombos.

— Vou ter que te deixar por um momento — me disse Armand enquanto entrava cautelosamente ao quarto. — Assuntos do navio.

— Não te apresse por minha culpa — resmunguei.

Ele riu. — Asseguro-te, Rayna, que seu tempo chegará.

Com isso, ele me deixou sozinha. Nem sequer me incomodei em averiguar se ele me tinha encerrado, sabia que o tinha feito.

Para matar o tempo, comecei a explorar. Foi então quando descobri que

essas figuras de bronze eram bastante menos inocentes do que se viam distância.

A estátua na pequena mesa redonda da esquina representava a um cavalheiro medieval. Vestido com cota de malha, mantendo sua espada em um ângulo ameaçador. Uma mulher se ajoelhava em seus pés, vestida com finas roupas, uma coroa em sua cabeça. Ela chupava o pênis do cavalheiro, cuja mão estava apertando seu cabelo.

O bronze na cômoda era um corpulento viking, seus lábios curvados em um sorriso aberto de triunfo. Sobre um ombro trazia uma mulher, nua, atada e amordaçada, seu exuberante corpo contorcionado pela baldia luta.

O terceiro bronze, um oficial da prisão americana imobilizava a uma donzela índia no chão. As duas mãos dela estavam encerradas nas dele, e ele tinha aberto amplamente suas pernas com suas musculosas coxas. Ele sugava um peito descoberto enquanto propulsionava seu pênis profundamente em seu sexo.

A estátua seguinte representava a um pirata do século dezassete agarrando a uma mulher que se contorcionava dobrada sobre um canhão, enquanto ele a possuía por seu ânus com seu maciço pênis duro. Como todas as vítimas, a mulher tinha minha cara. Como todos os seqüestradores, o pirata tinha a do Armand.

Cravando os olhos no bronze, precavi-me que respirava com dificuldade. Traguei e me sentei na cama.

Deveria estar desgostada. Afligida pelas formas das estátuas, com suas representações de antigas violações, sugeriam que eu estava predestinada a ser uma exuberante presa fêmea para o Armand, que era o depredador macho dominante. Era um oficial da Patrulha Sideral, maldição, capitã. Em pró da honra, não poderia, não o faria, não me renderia.

Repentinamente me dava conta que estava deitada de barriga para cima, meus dedos enterrados profundamente em minha vagina. Gemendo, girei minha cabeça para cravar os olhos na estátua do oficial das prisões, Armand violando à jovem índia Rayna. Comecei a me acariciar mais rápido, me deslizando entre as escorregadias, quentes dobras, esfregando o botão duro de meus clítoris. Quase poderia sentir seus dedos cravando-se em meus pulsos ele enquanto me prendia, me imobilizando, sua vara saindo e

entrando de meu indefeso corpo estendido.

Imaginando seus triunfantes grunhidos, corri-me.

* * * * *

Quatro horas depois, Armand jogou para trás seu musculoso braço e pegou o chicote de "nove caudas". Os leves nove chicotes atravessaram meus nus, inchados mamilos, e saltei sobre minhas unhas.

Meus pulsos estavam algemados juntos sobre minha cabeça a um anel no teto, e meu ânus ardia. Ele me tinha posto um carregado jorro de espesso lubrificante anal, e em seguida colocou algo em minha parte traseira. O plugue estava desenhado para manter o lubrificante no lugar até que ele estivesse preparado para minha primeira vez como escrava.

Enquanto isso ele se estava pondo duro açoitando minhas tetas com o chicote. O chicote era muito leve para cortar realmente, mas como ardia... Meus mamilos estavam rígidos e vermelhos, alagados com o sangue do tamborilar.

Tremendo, observei-o retirar-se para golpear outra vez. Ele se tinha despido até a cintura, e os músculos ondeavam ao longo de seu largo torso enquanto ele se movia.

ZAS!

Saltei do susto quando os chicotes cortaram através de minhas tetas. — Filho de puta! Nunca me dava conta do sádico é, Armand.

— Só no que se refere a ti, querida. — Havia um vulto em suas apertadas calças o suficientemente grande para envergonhar a um cavalo. — Além disso, conforme o vejo, só estou cumprindo com meu dever cívico.

ZAS.

Puxei fortemente as algemas que atavam meus pulsos. Quando estivesse bem preparada, ele ia se dobrar em cima de mim e deslizar esse maciço pênis profundamente em meu imaculado ânus.

ZAS.

Ele me foderia em compridos, brutais golpes, e não lhe importaria que largo e duro se expandiria meu ânus.

E não podia esperar.

Realmente o queria. Era realmente uma coisa espantosa. Em certa forma cada suja chicotada…

ZAS

... pôs-me mais faminta por conquistar o final, com o que ele me tinha estado ameaçando todos estes anos. Se Armand era um sádico do qual devia me preocupar, então me tinha convertido em uma masoquista desejando sua ardentemente dominação.

ZAS

— Merece-te isto, pequena cadela, —grunhiu enquanto me contorcionava — depois do que fez, depois do modo em que vendeu a Will Tucker, merece-te tudo o que posso te dar. Fez-me pensar que era melhor que isso, quando desde o começo você não foi nada a não ser a uma puta…

ZAS

ZAS

ZAS

— Fizeram-me uma armadilha! — As palavras me saíram precipitadamente. Apertei meus dentes, consternada por me haver permitido estar tão distraída com os golpes em meus ardentes mamilos que realmente o disse.

Ele moveu para trás seu braço no meio do golpe. — O que disse?

Merda. Bem poderia lhe contar a história completa. — Já lhe disse, prepararam-me uma armadilha.

Ele soprou — Sim, claro.

Minha mandíbula se apertou por seu tom zombador. Controlando minha fúria, expliquei lentamente — Estava investigando o corredor de armas do anel do Yeman II. Tínhamos desbaratado um de seus computadores. Encontrei arquivos associando a Almirante Bryson com o

crime organizado. Ao princípio não acreditei, mas a documentação era simplesmente muito boa. Evidentemente alguém tinha recolhido um arquivo para chantagear o Almirante

Ele franziu o cenho, endireitando-se lentamente. — Segue

— Mas meu segundo de bordo era subornado pelo Almirante. Ele conseguiu avisá-lo de alguma forma. A seguinte coisa que soube, foi que Will Tucker havia dito à Segurança Interna que eu tinha estado aceitando subornos — Senti minha boca curvar-se em um amargurado sorriso. — Parece que tinham apanhado a Tucker, e ele tratava de reduzir a pena cooperando com eles.

— Condenaram-lhe de maneira apressada com cargos falsos — Com um grunhido de fúria, ele se girou rapidamente e atirou o chicote a uma esquina. — Tudo isto, simplesmente por uma apressada condenação por falsos cargos.

— Sabe, não me assombrou que Tucker perjurasse; ele é escória. Mas a coisa que realmente me desgostou foi o número de pessoas que eu pensava que eram honoráveis, os quais se dispuseram ajudar a me enterrar, simplesmente para avançar em suas carreiras. Sabe, uma dúzia de membros da tripulação deram um passo adiante afirmando me haver visto aceitar subornos. Claro está, os outros disseram que estava inocente, mas essas testemunhas foram varridas diretamente sob o tapete. Só escutaram aos mentirosos — Ri burlonamente. – Isso amargura quanto à honra do serviço.

Lentamente, ele começou a resmungar, sua voz cruel pela ferocidade. Escutei-lhe com crescente mal-estar. — Digo a verdade, Armand.

— Demônios, sei que diz a verdade — cuspiu ele— lutei contra ti durante cinco anos. Pode-se aprender bastante sobre uma pessoa na intensidade do combate, a forma em que pensa, o que fará e não fará. O fato é que você não é do tipo que aceita subornos. Seu sentido da honra é muito agudo.

Grunhindo, ele se jogou para baixo sobre a cama e cravou os olhos em mim por um comprido momento. Troquei de posição ansiosamente em minhas cadeias, não me gostando a ameaçadora cólera em seus olhos.

— Deus maldito, não tenho opção — resmungou finalmente.

— O que está planejando, Armand?

Repentinamente sua expressão se aliviou — Desejo foder seus pequenos miolos, isso é o que desejo — Ele rodou fora da cama e retornou, alcançando as cadeias que me amarravam ao teto. Abriu-as, logo os grilhões de meus tornozelos, e me agarrou entre seus braços. De forma reflexa, rodeei seu musculoso pescoço com ambos os braços.

— Armand, que diabos está fazendo?

Ele trocou de direção comigo e me baixou à cama. — Não tem que ter medo, Rayna. Simplesmente...

Sua boca baixou sobre a minha. Mas não foi o beijo saqueador que tinha esperado dele. Foi suave, doce, perguntando em vez de tomar, com lábios que eram quentes e aveludados e tentadores. Instintivamente, voltei-me frouxa baixo ele. Ele me abraçou mais fortemente em seus poderosos braços e estabeleceu seu peso sobre o meu. Suas grandes mãos me acariciaram, delicadamente, acariciando meus inchados peitos, flutuando brandamente sobre meu sensível estômago. — Me diga se te machuco — murmurou.

— Por que? Para que possa te desfrutar?

Ele ignorou esse sarcástico comentário e seguiu me tocando, roçando minha suarenta pele, rastreando com tenro fogo sobre minhas coxas. Todo o tempo, seus escuros olhos ficaram fixos em minha cara como estivesse tratando de memorizar cada rasgo.

Realmente me levou um momento entender o que acontecia. Armand estava fazendo o amor comigo, não fodendo.

Cautelosamente, atrevi-me a lhe tocar, dobrando uma mão ao redor da curva de seus largos bíceps, riscando a dureza do músculo que cobria seu peito.

— OH Deus — gemeu. — Isso. Assim, não mais…

Nunca tinha ouvido realmente esse tom seu antes, nem mesmo quando o tinha sugado completamente. Ele tinha grunhido, tinha ronronado, tinha resmungado, mas nunca tinha falado tão docemente, como se eu fosse alguém precioso para ele.

A ideia era original, escandalosa. E muito intrigante.

Ele esfregou seus dedos entre minhas coxas, e eu deixei que minhas pernas descendessem separadamente para lhe permitir o acesso. Tremi ante a sensação de seus dedos tocando minha carne mais sensível.

— É tão cremosa — murmurou. — Deseja-me, querida? Está preparada?

Meio gemi, meio ri— estive pronta durante dois dias, Armand. Se não me tomar logo, então vou voltar-me louca.

Ele se levantou e abriu a braguilha de suas calças, logo os puxou rapidamente para baixo por suas duras pernas morenas. Seu pênis ricocheteou livre, elevando-se em um rígido ângulo ascendente, escuro e grosso. Era deliciosamente enorme.

Lentamente, movendo-se com essa mesma estranha galhardia, ele baixou sobre mim. Estendo minhas pernas ansiosamente, levanto meus quadris. Cuidadosamente, ele dirigiu a redonda cabeça do pênis à minha suave vagina. Senti essa sonda, encontrar a cremosa abertura, começou um comprido, interminável deslizamento para dentro. Ofeguei, deixando cair meus olhos fechando-os pelo cru prazer que me dava. Ele era tão grande, enchia-me tão completamente... era tudo o que necessitava, tudo o que tinha desejado durante tanto tempo.

— Abre seus olhos — murmurou ele—. Me olhe

Obedeci, e ele me beijou, acariciando com sua língua profundamente em minha boca enquanto começava a colocar lentamente esse maravilhoso pênis em mim. Muito lentamente. Estava já tão perto de chegar que podia sentir meu clímax ao meu alcance. Incapaz de resistir, comecei a me elevar debaixo ele, lhe querendo mais profundo, mais rápido. Seu pênis se sentia tão bem, tão duro, tão suave... envolvi minhas pernas ao redor de sua estreita cintura e sua base contra ele, ofegando.

— Espera — gemeu ele.— Não vou ser capaz de me conter se você...

— Então não te contenha — chiei — Fode-me, Armand!

Durante só um momento ele se congelou, como se não pudesse acreditar o que eu havia dito. Então ele começou a investir com força em

meu interior, me deixando sentir sua força, seu poder. Agarrei os seus amplos ombros e senti a primeira onda romper, chamuscando minhas terminações nervosas com o cru prazer que se centrou no enorme pênis golpeando ruidosamente em meu molhado sexo.

Arrojei para trás minha cabeça e gritei, me convulsionando. E em seguida escutei seu masculino rugido.

* * * * *

Quando despertei na manhã seguinte ele se foi. Não o vi de novo até que passaram duas semanas.

* * * * *

Embora um tripulante viesse três vezes ao dia trazer-me comida e ficar comigo enquanto passeava ao redor do navio, estava aborrecida durante o tempo que ele esteve ausente.

Logo descobri a coleção pornográfica de filmes do Armand. Com nada melhor que fazer, comecei inspecioná-los. Todos pareciam ocupar do ultraje: Cruéis agentes de contra-espionagem e inimizades espiões estas fêmeas, comandos e bonitas prisioneiras de guerra, peritos de segurança e belas ladrões. A perseguição, a captura, um pouco de tortura erótica.

Logo o herói começaria a explorar cada orifício de sua vítima com tal habilidade que ela logo gemia pelo prazer, sua muito complacente escrava.

* * * * *

O dia que ele retornou, estirava meu ânus. Ao haver sentido esse grande pênis em minha vagina, tinha-me decidido tratar de me preparar.

Tinha encontrado uma estranha cadeira em um armário. Era alta como um tamborete de um bar, mas seu assento era feito de couro com a forma de uma cadeira de montar do oeste, inclusive com um corno de braçadeira e estribos.

Havia uma segunda protuberância mais larga que sobressaía do assento.

Tinha a forma de um pênis, e tive uma ideia bastante boa de onde ia essa prolongação. Ele já estava ausente há uma semana quando me decidi a prová-lo.

Um dos filmes que observava hoje era especialmente obsceno. Uma preciosa fêmea vítima de um rapto tinha tido a má sorte de cair nas garras de um seqüestrador com um apetite pela violação anal e um pênis como um pau. Atada e amordaçada, ela estava dobrada em cima do respaldo de um sofá e à espera dele para deslizar-se em seu virginal orifício. É obvio, ela estava fazendo ruídos suplicantes detrás da mordaça, isso era aparentemente uma parte crucial da fantasia que a garota implorasse misericórdia.

Não estava em minha natureza mendigar nada, mas se minha choramingação punha a Armand tão ardente, decidi fazer a prova.

Sujeitando o corno da cadeira de montar, estabeleci-me nos arreios, sentindo o comprido, engordurado pedaço da superfície escorregadia do consolador acima de meu ânus. Foi doloroso, mas tinha descoberto que a sensação era também incrivelmente erótica.

Na tela, o seqüestrador pressionava a cabeça de seu enorme pênis no diminuto broto rosado da garota. lhe observando forçá-lo dentro, deslizei-me para baixo sobre o consolador, fantasiando o que sentiria quando Armand me fizesse isso. Ele era muitíssimo maior que o falso pênis que estava fodendo...

Sorrindo abertamente pelo triunfo, o seqüestrador se estabeleceu dentro, dando à sua vítima uma larga, lenta perfuração. A câmara no desespero dela quando seu ânus se expandia sujeitando seu pênis enquanto a fodia dentro e fora. Ela gemeu pela dor da largura dele.

Beliscando meus mamilos duramente, elevei-me nos estribos, logo me deslizei de retorno para baixo atormentar meu ânus. Meu deus, estava quente. Perguntei-me se Armand alguma vez tinha observado este filme e se masturbou, seu pênis se levantaria enquanto se imaginava desflorando meu ânus. Ficava ele duro pensando em meu apertado reto e o cremoso prazer que ele encontraria ao usá-lo brutalmente? Sonhava ele comigo lhe implorando clemência, com meus suaves gemidos?

A vítima começou a choramingar pelo prazer, ao sentir que os primeiros prazeres masoquistas de tomar um pênis tão grande no traseiro.

Seus quadris se levantaram, e ela fez um curto empurrão para trás. Seu seqüestrador sorriu. — Disse-te que você gostaria disto — grunhiu ele.

Agarrei o corno de braçadeira e comecei a montar o consolador mais rápido, abraçando a dor e o prazer disso quando a vítima começou a saltar sobre a reta furadeira de seu seqüestrador. Me estremecendo, senti que a tensão do orgasmo começava.

Quando o seqüestrador separou os glúteos da garota para revelar seu inchado ânus orvalhado de esperma, gritei meu clímax.

* * * * *

No dia seguinte jazia tombada pesadamente na cama, pensando.

Me tinha ocorrido um plano de fuga.

Não era mau, realmente. Era simples, singelo, com a vantagem acrescentada de ser irônico. Utilizaria uma das varas que eu tinha encontrado no armário como um pau, agarraria à mulher da tripulação que trazia minhas comidas e a forçaria a me levar ao hangar da baía. Logo roubaria uma lançadeira, correndo o risco de que estariam pouco dispostos a disparar a muito cara escrava de seu capitão. É óbvio, não podia fazê-lo no hangar, e se o fazia, eles poderiam me fazer explorar até o inferno de todos os modos, mas merecia o intento. E certamente, se tivesse sido a prisioneira de outro, mas Armand, eu o teria realizado em um batimento do coração do coração.

Mas era a escrava do Armand, e o fato era que meu engenhoso, simples, irônico e pequeno plano de fuga tinha muito poucos desejos de levá-lo a cabo.

Como tinham cansado os capitalistas.

A coisa era, que sempre tinha vivido uma existência mas bem limitada; minha vida se centrou na Patrulha Sideral e minha batalha em curso com o Armand. Agora a Patrulha estava fora de minha vida para sempre, mas ainda estava Armand. E em certa forma, realmente não podia me resignar a cortar essa última conexão.

Além disso, era uma escrava. Mesmo se tinha êxito em escapar, meu código genético provocaria uma alerta sempre que tratasse de alugar um

apartamento ou comprasse um veículo aéreo. Ou até para conseguir comida, em realidade.

Girando a cabeça agitadamente no travesseiro, vi a figurinha do oficial das prisões Armand e sua bonita cativa — Estás tão cheia de merda, Rayna — resmunguei para mim mesma, repentinamente altamente indignada com minhas racionalizações.— Isto não tem nada que ver com seres escrava. Simplesmente não queres deixá-lo.

Merda. Era deprimente. Melhor empreendia outra ronda de masturbação antes que me lançar a uma reunião de compaixão, de maneira que me decidi pôr um dos filmes e gozar disso.

Escolhi a um que tinha visto antes, sobre um comando da selva e o correio de que tinha recebido ordens para espreitar e matar. Sendo criativo e estando excitado sexualmente, decidiu que tinha melhores usos para sua bela prisioneira que destrui-la. Este era um de meus favoritos porque o comando me recordava um pouco a Armand... e o que fazia à sua prisioneira durante a cena do interrogatório nunca deixava de me pôr quente.

Logo estive absorta lhe observando espreitar à pequena e bonita mensageira.

Quando ele atacou de súbito, ela começou uma valente e absolutamente inútil batalha, a qual finalizou instantaneamente com ela nua e suas mãos e pés atados.

Antecipando o que vinha depois, tirei o tubo de lubrificante do armário e lubrifiquei meu ânus com a espessa graxa. Estava definitivamente de humor para um treinamento na cadeira de montar.

— Rayna

Saltei do susto e me dava a volta, simultaneamente deslizando o tubo sob um travesseiro.

Armand estava de pé na entrada, com uma volumosa, alegremente envolta caixa intrometida sob um braço.

— Finalmente está de retorno — disse, algo estupidamente.

— Levou-me um pouco mais tempo do que me esperava — Ele me

adiantou o presente— Te trouxe algo.

Sobressaltada, me adiantei um pouco para reclamá-lo. Fui bruscamente consciente de minha nudez... e ainda mais que um pouco desconcertada da forma em que Armand parecia acreditar-se na obrigação de não olhar de maneira lasciva.

Com minha rudeza habitual, equilibrei-me sobre o presente, encontrando uma larga caixa de roupas dentro. Meio esperando ver um vestido de cor cetim vermelho de viúva alegre dentro, tirei a tampa... para descobrir meu uniforme cinza da Patrulha Sideral. Escondendo uma punhalada de dor, obriguei-me a sorrir abertamente a Armand. — Quer que me ponha isso para jogar?

— Não! — Ele pareceu um pouco horrorizado.— Não, só quis... Rayna, foste absolvida. Sua sentença será revogada qualquer dia destes. Suponho que recuperasse sua antiga fila na Patrulha

Olhei-lhe boquiaberta. — O que? É isto alguma classe de brincadeira?

Seus olhos se entrecerraram. — Eu não gosto de brincadeiras.

— Não, é obvio que não — Desconcertada, afundei-me para baixo na cama. — Simplesmente não o entendo. Como ocorreu isto?

— Fui procurar ao seu anterior segundo ao mando e golpeei sua asquerosa pessoa até que esteve de acordo em ir aos meios de comunicação interestrelares com o arquivo da conexão da Almirante Bryson com o crime organizado — disse Armand com sombria satisfação. — O assunto inteiro explorou como uma estrela homicida ou uma bomba atômica. O filho de cadela o contou tudo, incluindo a forma que tinham ideado para te sossegar. Aparentemente pensou que se cantava bastante e o suficientemente duro, poderia recuperar sua própria carreira

— Fez tudo isto? E revogado minha sentença? Pisquei, completamente estupefata. — Armand... Por que? Jesus, fomos inimigos durante anos. Finalmente me tem onde queria. Por que te arriscaste para limpar meu nome?

Ele trocou de posição seus pés. Tinha a estranha sensação que ele se sentia incômodo. — Sei que pode encontrar isto difícil de acreditar, mas sou um homem honorável. O que lhe fizeram... Não poda ficar parado e lhes

deixar sair-se com a sua

— Sim, mas... — Neguei com a cabeça, enjoada.

Armand suspirou e se sentou ao meu lado. — Rayna, sabe que é a única mulher que alguma vez quis violar?

Cravei os olhos nele. — Sei que me ameaçaste com isso muito, sim. E agora que me agarraste...

— Estive obcecado contigo desde nossa primeira batalha. Ao princípio somente queria foder-te um par de vezes, mas quando o tempo passou, quando cheguei a conhecer a forma em que pensa, sua coragem, você... Soube que não seria suficiente — Ele fez uma pausa, ficando com o olhar fixo longe no espaço.— Logo me ocorreu que te poderia escravizar. Uma vez que te tivesse, simplesmente... Não te deixaria ir — Ele estava inclinado me olhando— Parecia a única forma

— A única forma do que?

— A única forma em que poderia te ter — Ele agitou uma mão impaciente.— Rayna, você é uma boa pessoa, eu sou um mau tipo. Não é como se pudéssemos ter uma entrevista. Soube que a única forma em que alguma vez poderia te manter seria se estivesse algemada.

— Então eles me exibiram em um leilão — disse devagar.

— E eu estava zangado. Não foi o que tinha acreditado. Demônios, suspeitei que inclusive tinha estado fodendo até a Will Tucker, e isso realmente me voltou louco. Mas quando averigüei que tinha sido condenada de maneira apressada com cargos falsos, soube que simplesmente não poderia ficar parado — Ele me deu um repentino, arrogante sorriso. Fui ferida pela tristeza detrás dessas palavras. — Mas lhe advirto isso, se alguma vez te capturar em combate, seu traseiro é meu.

Olhei-o. — Por que esperar?

Ele piscou. — O que?

— Fode-me por detrás, Armand — Me girei, ajoelhei-me na cama sobre minhas mãos e meus joelhos. — Sodomiza-me. Abusa de meu virginal ânus. Sei que quer fazê-lo, estiveste falando disso durante anos

Seu sorriso foi agridoce. — Uma vez pelos velhos tempos? Não acredito.

— Maldito seja, Armand, deixa de ser tão obtuso — grunhi, de repente impaciente. Respirando fundo, articulei cuidadosamente — Não quero voltar para a Patrulha Sideral!

Ele ofegou. — O que?

— Significa muito que você limpasse meu nome, e te agradeço por isso. Mas não quero essa vida nunca mais. Foi uma mentira. Todo esse puro conto sobre a honra e o serviço, e me foderam ao minuto que lhes veio bem. Pelo menos você teve a amabilidade de me avisar que queria me dobrar

— Quer dizer que realmente quer ser minha escrava?

— Realmente, — disse-lhe brandamente— tenho a sensação que a escravidão é mútua.

Sua incredulidade se tornou em cautela— O que quer dizer?

— Simplesmente me dava conta de algo. Todos estes anos, estiveste apaixonado por mim

— Que demônios — grunhiu ele — Quero foder-te, sim...

— Ama-me, — insisti— ou você malditamente bem não teria realizado deliberadamente as gestões que devolveriam minha honra te privando do que quiseste durante anos. Este sacrifício só pode mover-se por que me ama — Aspirei profundamente.— E sabe o que? Eu também te amo, a ti, sádico e vil bastardo.

Um lento sorriso começou a estender-se através de sua cara. — Ama?

— Demônios, sim. Por que pensa que estou ainda aqui? Se não te amasse, então essa imbecil que esteve trazendo minhas comidas se teria encontrado cativa com um desses chicotes que tem pendurados no armário. Teria saído tão rápido deste navio que teria deixado uma esteira de iões.

Seus olhos escuros se estreitaram. — Não esteja tão segura que teria sido tão fácil.

— Não? Prova-o — Nua, levantei meu quadril no ar avançando

lentamente desde sua cara. — Meu navio esteve em chamas a nosso redor, Armand. Você golpeou meu a segundo de bordo até amassá-lo, e logo me obrigou a despir à mão armada. Lubrificaste meu estreito virginal ânus, e tem uma ereção que chega até seu umbigo — Estendi meus braços por detrás de mim. — Estou à sua piedade

Por um comprido momento ele não se moveu, simplesmente me contemplou. Até que, lentamente, um cru sorriso estirou sua generosa boca. — Muito mau para ti que não tenha nada — Uma de suas mãos se sujeitou ao redor das minhas tão duramente que fiquei sem fôlego. Ele sacudiu com força meus braços para trás, logo passou para fora sua outra mão para colocá-la sobre a curva de minha vagina... e entre os socos, lentamente empurrando seu caminho pelo meio, procurando a apertada abertura. Um rude dedo indicador a encontrou e a forçou a estender-se, logo escavou profundamente no interior.

Ofeguei e arqueei minhas costas pela penetração. — Sou um capitão da Patrulha Sideral, bastardo! Lamentará isto

— OH, duvido-o muitíssimo —ronronou ele.— Mas o desejasse — Repentinamente alavancando meus braços, ele me obrigou a baixar cabeça para elevar meu traseiro a grande altura no ar. Um segundo dedo achou seu caminho profundamente. Gemi, só em parte fingindo. — Considerando que momento tão duro está tendo com meus dedos, meu pênis te separará extensamente

— E arrumado que amará a cada segundo disso, sádico filho de puta — Tremi, a luxúria rodando através de mim em ardentes vagas.

— OH, siiiiiim — Ele moveu em círculos seus dedos, provocando-me — tive uma ereção por ti todo o tempo que estivemos brigado, pensando neste momento.

Sua voz descendeu até um grunhido baixo, rasgado pela luxúria. — Meu pênis é mais grosso que minha punho, Rayna, e minhas bolas estão quentes e apertadas. Pronta para sofrer?

Gemer "OH sim" estaria completamente fora do personagem, assim é que em lugar disso grunhi — Faz o que possa, bastardo

— Não se preocupe... farei-o.

Mas em lugar disso ele retirou seus dedos e soltou meus pulsos.

Toquei o bordo da cama e ouvi a gaveta da mesita de noite deslizar-se, mas antes de que pudesse me dar a volta, ele agarrou meus braços outra vez e começou a enrolar um pedaço de áspera corda ao redor delas. — Para isto quero minhas duas mãos livres —ele me disse enquanto girava minha cabeça para lhe olhar fixamente com ansiedade — Quero estender seus bonitos e brancos glúteos e observar a meu pênis empalar seu virginal ânus

Logo que ele me teve fortemente amarrada, abriu sua braguilha e liberou seu pênis. Era maciço, vermelho escuro excitado e venoso, e lambi meus lábios em uma combinação de nervosismo e luxúria. Isto ia doer.

Agarrando meus glúteos, Armand os forçou enquanto os abria tão amplamente como podiam.

Então, por fim, senti a suave, arredondada cabeça de seu pênis contra de meu ânus.

— Aarrrrrmaaaaaannnd! — O ingresso não foi nada breve ou brutal enquanto o imenso órgão brocava meu ânus, obrigando-o a dilatar-se com pressão implacável. Mas Armand estava metido a fundo em seu papel, e não me deu quartel, forçando seu comprido, grosso pedaço mais e mais profundo uns poucos centímetros.

Cravando o olhar grosseiramente para trás a ele, vi seu demoníaco sorriso.. Ele já não estava simplesmente jogando a ser um conquistador dominante que sodomiza sua indefesa cativa. Ele era meu amo. Saquear meu virginal ânus era seu direito e seu prazer.

— Não, por favor — gemi, a dor chamuscava minha passagem anal.— É muito grande, não posso tomá-lo...

— Pode — grunhiu ele— e o fará — Poderia tocar suas peludas bolas contra meu quadril agora, e sua inteira e flamejante longitude propulsando-se diretamente para meu umbigo. Ele começou a recuar seu golpe, saindo devagar, tão devagar...

E senti os primeiros espasmos de prazer.

— Deus — chiou ele— É ainda mais apertada do que esperava, sente-se tão bem agarrando meu pênis, tão quente, tão... —Empurrou para dentro,

interminável e ardente.— Como se sente, Rayna? — ronronou ele.— Todo este pênis em uma fossa pequena?

— Isto... OH, dói. É... É muito grande...

— Não se preocupe... Encontrará-o mais fácil... com a prática.

Ao retirar-se, o prazer aumentando através da dor como uma rosa abrindo-se passo por um matagal de espinhos.

Olhando para cima, repentinamente me precavi que podia nos ver no espelho. Ele se erguia sobre mim, seu enorme pênis efetuando um túnel em meu ânus, completamente vestido, seu negro traje naval completamente contra meu branco, nu corpo. Sua aposta cara estava feroz pelo triunfo, a luxúria e o prazer cru e duro. Gemi ao lhe observar.

E me rendi.

Os músculos de meu invadido esfíncter se relaxaram, lhe dando permissão de empurrar mais brandamente, mais facilmente.

— Exato, Rayna — grunhiu ele.— Não há nenhuma razão para brigar mais. Está conquistada. Escravizada. Minha

— Sim — gemi.

— Diga-o!

— Sou tua — O prazer e a dor, golpeando através de mim com cada comprido impulso de escavamento.

— Você é minha o que?

— Sou vossa... UH... escrava!

Ele começou a adquirir o ritmo, da penetração dentro e fora. — E o que ocorre aos escravos, Rayna?

— São... OH!... São fodidos e escravizados

— Correto — Lhe poderia ver sorrindo como um lobo no espelho — São dobrados e expandidos amplamente, seus amos empurram seus grandes e duros pênis fodendo seus pequenos ânus —Ele começou a me golpear duramente, enfatizando cada palavra com um desumano impulso.—

DENTRO e FORA e DENTRO e FORA, até que os pobres escravos sabem que estão completamente na misericórdia de seus amos. E seus amos não têm nenhuma indulgência.

A dor apenas se notava agora, nada menos que um agudo contraponto ao prazer atormentador de sua posse. E subindo através do prazer estava o calor, a luxúria, a necessidade de submeter-se a ele. — Meu inimigo — ofeguei, me deleitando em cada cruel estocada — Meu pirata. Você ama... torturar ... meu ânus...

Ele golpeou duramente dentro tão duro que minha respiração deixou meus pulmões em deliciosa agonia. — Sim, eu gosto de horrores.

— Sádico —choraminguei. — Cruel conquistador. Te corra em meu ânus, me conquiste. Me escravize.

— Siiiiiiim — Ele golpeou duramente profundamente.

Esse último e brutal impulso me golpeou ruidosamente me correndo. Meu clímax caiu sobre mim justo quando ele começou a bombear meu reto invadido, enchendo-o com seu sêmen.

*****

Jazendo sobre meu estômago, apenas consciente. Armand se ajustou junto a mim, ambas as mãos abrindo meu traseiro enquanto inspecionava os resultados de seus ataques com preguiçosa satisfação. — Você — disse-me — parece uma escrava bem fodida.

Suspirei. — Certamente o sou.

— Logo que recupere minha força, vou fustigar seu traseiro com uma vara e fazê-lo novamente.

— Vil bastardo — Meus olhos foram fechando-se.

— Certamente o sou — Me estava ficando dominada pelo sonho quando ele murmurou — E te amo.

— Não o direi a ninguém —murmurei.

Fim

